

Edição nº 4018
Terça-feira
7 DE FEVEREIRO DE 2017
WWW.SMABC.ORG.BR

Tribuna Metalúrgica



HELIO CAMPOS MELLO / REVISTA BRASILEIROS



**COMPANHEIRA MARISA,
PRESENTE!**



Capa: Marisa Letícia lidera a marcha das mulheres, realizada dia 8 de maio de 1980. Foto gentilmente cedida por Hélio Campos Mello.

A CAMINHADA DE MARISA LETÍCIA

Milhares de mulheres e crianças caminham de braços dados pelas ruas de São Bernardo, munidas de flores, bandeirinhas do Brasil e faixas. Apesar do clima tenso de repressão imposto pela polícia que cerca o local, os filhos e mulheres dos metalúrgicos do ABC protestam contra a prisão de trabalhadores e dirigentes sindicais em passeata audaciosa pelo centro da cidade.

Ao retornar à Igreja Matriz, de onde havia partido, a líder do movimento precisou ser amparada quando perdeu os sentidos depois de chorar compulsivamente e pedir forças às companheiras, enquanto apertava nas mãos a bandeira brasileira e uma rosa.

Quem estava à frente dessa marcha histórica era Marisa Letícia, esposa do então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Inácio Lula da Silva, preso dias antes com outros dirigentes sindicais em plena ditadura militar por agentes do Departamento de Ordem Política e Social, o Dops.

O ANO É 1980, época marcada por intensas greves da categoria. A passeata, realizada em 8 de maio daquele ano, foi organizada por Marisa após o pedido de habeas corpus para os prisioneiros ser negado pela justiça. “Os homens queriam dar apoio, mas dissemos não. Fizemos só com as mulheres, eu de mãos dadas com meus filhos à frente”, lembrou a então primeira-dama durante entrevista à Fundação Perseu Abramo, em 2002.

Antes inspetora de alunos em escola pública, a vida de Marisa Letícia passa a ser arrebataada pela política após a união com Lula, em 1974. Já que um ano após o casamento, Lula seria eleito presidente dos Metalúrgicos do ABC, em um período de luta por democracia e de levantes operários contra o arrocho econômico e sindical.

Foi neste mesmo Sindicato que ainda viúva, conheceu o também viúvo, Lula, em 1973. Ele trabalhava no Serviço de Assistência Social do Sindicato quando Marisa foi buscar um carimbo para recolher a sua pensão.

O LAR DO casal logo tornou-se uma arriscada trincheira da luta por democracia e justiça social, num tempo em que erguer cartazes dava cadeia, pancada e tortura.

A primeira bandeira do Partido dos Trabalhadores foi ela quem costurou. “Eu tinha um tecido vermelho, italiano, um recorte guardado há muito tempo. Costurei a estrela branca no fundo vermelho. Ficou lindo”, declarou em entrevista.

Na época, estampava camisetas com a estrela símbolo da sigla para arrecadar fundos para o Partido e chegou a cadastrar as pessoas na rua, buscando convencê-las da importância de montar o Partido dos Trabalhadores.

DIANTE DA CRESCENTE exposição pública do marido, Marisa preferiu a discrição. Quando Lula assumiu a Presidência, ela se tornou a primeira-dama e manteve uma postura sóbria. Durante todo esse tempo se dedicou à família e foi sempre o alicerce de Lula.

“Foi amável e cordial com todos que dela se aproximaram. Não há um único relato de episódio de arrogância ou desfeita feita por ela a alguém, como primeira-dama do País”, escreveu a jornalista Hildgard Angel em 2011.



No salão lotado do Sindicato, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se despediu de sua esposa Marisa Letícia em velório no sábado, dia 4, com a presença de lideranças, militantes e simpatizantes.

No início, às 9h, a cerimônia foi reservada aos familiares e amigos mais próximos. As pessoas que queriam prestar homenagens e solidariedade formaram uma fila que virava o quarteirão do Sindicato.

POUCO DEPOIS das 10h, o velório foi aberto ao público. Lula abraçou cada um que passava. Também foi realizado um ato ecumênico. Ao fim, o ex-presidente discursou por cerca de 20 minutos e agradeceu os Metalúrgicos do ABC pela acolhida. “Minha vida não seria um décimo do que é se não fosse este Sindicato, se não fosse este salão”, afirmou.

“Aqui eu aprendi a falar. Aqui eu perdi o medo do microfone. Aqui nós decidimos combater a ditadura militar. Aqui nós criamos o novo sindicalismo. Aqui

nós pensamos em criar a CUT. Aqui nós pensamos em fazer todas as greves feitas nessa categoria”, contou. “Aqui eu conheci a Marisa. Aqui eu casei com a Marisa. Aqui nós criamos nossos filhos. Aqui a Marisa sustentou a barra para que eu me transformasse no que eu me transformei”, continuou.

O ex-presidente disse que a esposa sempre teve muito mais importância do que os ministros do governo. “A Marisa sempre dizia para mim: ‘Lula, você não esqueça nunca de onde você veio e para onde você vai voltar’”, recordou.

LULA TAMBÉM ressaltou que ela morreu triste. “Eu quero provar que os facinoras que levantaram levandades contra a Marisa tenham um dia a humildade de pedir desculpas a ela”, afirmou. “Portanto, querida companheira Marisa, descanse em paz porque o seu Lulinha paz e amor vai continuar brigando muito para defender a sua honra e a sua imagem”, despediu-se.

Marisa Letícia faleceu sexta-feira, dia 3, às 18h57, aos 66 anos, em decorrência de complicações de um Acidente Vascular Cerebral, AVC, hemorrágico. Ela estava internada desde o dia 24 de janeiro no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. A cerimônia de cremação foi reservada à família no cemitério Jardim da Colina, em São Bernardo.

Marisa nasceu em 7 de abril de 1950 em uma família de imigrantes italianos. Ela viveu em um sítio onde hoje é o bairro dos Casa, sobrenome do seu avô, em São Bernardo. Aos 9 anos, foi babá de três crianças mais novas. Aos 13, trabalhou em uma fábrica de chocolates.

CASOU-SE PELA primeira vez aos 19 anos com o taxista Marcos Cláudio da Silva, assassinado quando Marisa estava grávida do primeiro filho, Marcos. Conheceu Lula, também viúvo, no Sindicato, em 1973, com quem casou e teve três filhos Fábio, Sandro e Luís Cláudio, e uma enteada, Lurian.

Confira ao lado mais informações sobre a trajetória de Marisa.



NOTA DE PESAR

Os Metalúrgicos do ABC lamentam profundamente a morte da companheira Marisa Letícia da Silva. A tristeza é grande, por uma perda que não tem reparação. Marisa era parte da família metalúrgica. Uma pessoa da casa, sempre próxima desse Sindicato, carinhosa com nossa diretoria, a quem chamava de “meninos”.

Nossa categoria a admirava muito. Mesmo nesse momento mais difícil da vida, com toda a pressão que vinha recebendo por conta de acusações injustas, Marisa nunca perdeu a dignidade, continuou sendo a companheira que sempre foi, com o desejo, a esperança e a disposição de fazer o melhor para o Brasil.

Ao presidente Lula, sabemos que a ausência de Marisa nunca será suprida, mas temos certeza de que a energia e o carinho dos milhões de brasileiros que o admiram e respeitam o ajudarão a seguir em frente.

A toda família, a solidariedade dos Metalúrgicos do ABC.

Marisa Letícia, presente!

Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

MANIFESTAÇÕES DE SOLIDARIEDADE

Jair Meneguelli, ex-presidente do Sindicato

“Perdemos uma grande companheira. Eu tive o prazer como presidente do Conselho Nacional do Sesi de convidá-la para ser madrinha do programa “Viva a Vida!”. Ela viajou o País inteiro cumprimentando as crianças e ajudando no resgate delas. Vamos continuar lutando por ela”.

Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo.

“O Brasil está tão carente de solidariedade. Nós precisamos ter gestos de generosidade, é isso que deve marcar a vida no Brasil e a vida política não pode ser diferente. Ela foi uma mulher que teve muito amor, sempre”.

Alexandre Padilha, ex-ministro da Saúde

“A dona Marisa foi tão importante para a história do PT, desse Sindicato, dos metalúrgicos e para a vida do presidente Lula. Infelizmente, a perda dela é motivo de reflexão de que essas exposições pessoais, tortura psicológica, clima de intolerância e de ódio não vão ajudar em nosso País”.

Luiza Erundina, deputada federal

“Com a simplicidade dela como dona de casa, mãe de família e também militante política, ela teve um papel fundamental na construção do PT, coletando assinaturas, organizando os órgãos de base do partido. Certamente ela deixa o legado de uma mulher do povo, ela é um símbolo da luta dos trabalhadores”.

Gilberto Carvalho, ex-ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência no governo Lula

“A ida prematura dela está muito ligada a esse clima de ódio que se criou no País. A herança que ela nos deixa é um mandato de lutarmos junto com Lula, para devolver ao Brasil um clima de parceria”.

Ricardo Kotscho, jornalista

“É muito difícil falar de uma velha amiga de 40 anos no passado, é como se ela fosse da família. Isso que estamos vendo mostra a importância que ela teve, ela nunca foi de aparecer, mas a firmeza dela ajudou muito o Lula”.

RICARDO STUCKERT / INSTITUTO LULA



RICARDO STUCKERT / INSTITUTO LULA



WILSON MAGÃO



ROBERTO PARIZOTTI



WILSON MAGÃO



EDU GUIMARÃES



ADONIS GUERRA



ADONIS GUERRA



ADONIS GUERRA



ADONIS GUERRA

